

LITTERATURA

O IMMORTAL

(Continuação)

V

O narrador continuou:

— Já veem, pelo que lhes contei, que não acabaria hoje nem em toda esta semana, se quizesse referir miudamente a vida inteira de meu pae. Algum dia o farei, mas por escripto, e eu deo que a obra dará cinco volumes, sem contar os documentos...

— Que documentos? perguntou o tabellião.

— Os muitos documentos comprobatorios que possuo, titulos, cartas, traslados de sentenças, de escripturas, copias de estatisticas... Por exemplo, tenho uma certidão do recenseamento de um certo bairro de Genova, onde meu pae morou em 1742; traz o nome d'elle, com declaração do logar em que nasceu...

— E com a verdadeira idade? perguntou o coronel.

— Não. Meu pae andou sempre entre os quarenta e os cincoenta. Chegando aos cincoenta, cincoenta e poucos, voltava para traz; — e era-lhe facil fazer isto, porque não esquentava logar; vivia cinco, oito, dez, doze annos n'uma cidade, e passava a outra... Pois tenho muitos documentos que juntarei, entre outros, o testamento de lady Emma, que morreu pouco depois da execução gorada de meu pae. Meu pae dizia-me que entre as muitas saudades que a vida lhe ia deixando, lady Emma era das mais fortes e profundas. Nunca viu mulher mais sublime, nem amor mais constante, nem dedicação mais cega. E a morte confirmou a vida, porque o herdeiro de lady Emma foi meu pae. Infelizmente, a herança teve outros reclamantes, e o testamento entrou em processo. Meu pae, não podendo residir em Inglaterra, concordou na proposta de um amigo providencial que veio a Lisboa dizer-lhe que tudo estava perdido; quando muito poderia salvar um restosinho de nada, e offereceu-lhe por esse direito problematico uns dez mil cruzados. Meu pae aceitou-os; mas, tão caipora que o testamento foi approvado, e a herança passou ás mãos do comprador...

— E seu pae ficou pobre...

— Com os dez mil cruzados, e pouco mais que apurou. Teve então ideia de metter-se no negocio de escravos; obteve privilegio, armou um navio, e transportou africanos para o Brazil. Foi a parte da vida que mais lhe custou; mas afinal acostumou-se ás tristes obrigações de um navio negreiro. Acostumou-se, e enfarou-se, que era outro phenomeno na vida d'elle. Enfarava-se dos officios. As longas solidões do mar alargaram-lhe o vasio interior. Um dia reflectiu, e perguntou a si mesmo se chegaria a habituar-se tanto á navegação, que tivesse de varrer o oceano, por todos os seculos dos seculos. Criou medo; e comprehendeu que o melhor modo de atravessar a eternidade era varial-a...

— Em que anno ia elle?

— Em 1694; fins de 1694.

— Veja só! Tinha então noventa e quatro annos, não era? Naturalmente, moço...

— Tão moço que casou dahi a dous annos, na Bahia, com uma bella senhora que...

— Diga.

— Digo, sim; porque elle mesmo me contou a historia. Uma senhora que amou a outro. E que outro! Imaginem que meu pae, em 1695, entrou na conquista da famosa republica dos Palmares. Bateu-se como um bravo, e perdeu um amigo, um amigo intimo, crivado de balas, pellado...

— Pellado?

— E' verdade; os negros defendiam-se tambem com agua fervendo, e este amigo recebeu um pote cheio; ficou uma chaga. Meu pae contava-me esse episodio com dor, e até com remorso, porque, no meio da refrega, teve de pizar o pobre companheiro; parece até que elle expirou quando meu pae lhe mettia as botas na cara...

O tabellião fez uma careta; e o coronel, para disfarçar o horror, perguntou o que tinha a conquista dos Palmares com a mulher que...

— Tem tudo, continuou o medico. Meu pae, ao tempo que via morrer um amigo, salvára a vida de um official, recebendo elle mesmo uma flecha no peito. O caso foi assim. Um dos negros, depois de derubar dous soldados, envergou o arco sobre a pessoa do official, que era um rapaz valente e sympathico, orphão de pae, tendo deixado a mãe em

Olinda... Meu pae comprehendeu que a flecha não lhe faria mal a elle, e então, de um salto, interpoz-se. O golpe feriu-o no peito; elle caiu. O official, Damião... Damião de tal. Não digo o nome todo, porque elle tem alguns descendentes para as bandas de Minas. Damião basta. Damião passou a noite ao pé da cama de meu pae, agradecido, dedicado, louvando-lhe uma acção tão sublime. E chorava. Não podia supportar a ideia de ver morrer o homem que lhe salvára a vida por um modo tão raro. Meu pae sarou de pressa, com pasmo de todos. A pobre mãe do official quiz beijar-lhe as mãos: — «Basta-me um premio, disse elle; a sua amizade e a de seu filho.» O caso encheu de pasmo Olinda inteira. Não se fallava em outra cousa; e dahi a algumas semanas a admiração publica trabalhava em fazer uma lenda. O sacrificio, como veem, era nenhum, pois meu pae não podia morrer; mas o povo, que não sabia disso, buscou uma causa ao sacrificio, uma causa tão grande como elle, e descobriu que o Damião devia ser filho de meu pae, e naturalmente filho adúltero. Investigaram o passado da viuva; acharam alguns recantos que se perdiam na obscuridade. O rosto de meu pae entrou a parecer conhecido de alguns; não faltou mesmo quem affirmasse ter ido a uma merenda, vinte annos antes, em casa da viuva, que era então casada, e visto ali meu pae. Todas estas patranhas aborreceram tanto a meu pae, que elle determinou passar á Bahia, onde casou...

— Com a tal senhora?

— Justamente... Casou com D. Helena, bella como o sol, dizia elle. Um anno depois morria em Olinda a viuva, e o Damião vinha á Bahia trazer a meu pae uma madeixa dos cabellos da mãe, e um collar que a moribunda pelia para ser usada pela mulher d'elle. D. Helena soube do episodio da flecha, e agradeceu a lembrança da morta. Damião quiz voltar para Olinda; meu pae disse-lhe que não, que fosse no anno seguinte. Damião ficou. Tres mezes depois uma paixão desordenada... Meu pae soube da aleivosa de ambos, por um comensal da casa. Quiz matal-os; mas o mesmo que os denunciou avisou-os do perigo, e elles puderam evitar a morte. Meu pae voltou o punhal contra si, e enterrou-o no coração. «Filho, dizia-me elle, contando o episodio; dei seis golpes, cada um dos quaes bastava para matar um homem, e não morri.» Desesperado saiu de casa, e atirou-se ao mar. O mar restituiu-o á terra. A morte não podia aceitar-o: elle pertencia á vida por todos os seculos. Não teve outro recurso mais do que fugir; veio para o Sul, onde alguns annos depois, no principio do seculo passado, podemos achal-o na descoberta das minas. Era um modo de affogar o desespero, que era grande, pois amara muito a mulher, como um louco...

— E ella?

— São contos largos, e não me sobra tempo. Ella veio ao Rio de Janeiro, depois das duas invasões francezas; creio que em 1713. Já então meu pae enriquecera com as minas, e residia na cidade fluminense, bemquisto, com ideias até de ser nomeado governador. D. Helena appareceu-lhe, acompanhada da mãe e de um tio. Mãe e tio vieram dizer-lhe que era tempo de acabar com a situação em que meu pae tinha collocado a mulher. A calumnia pezára longamente sobre a vida da pobre senhora. Os cabellos iam-lhe embranquecendo: não era só a idade que chegava, eram principalmente os desgostos, as lagrymas. Mostraram-lhe uma carta escripta pelo comensal denunciante, pedindo perdão a D. Helena da calumnia que lhe levantára e confessando que o fizera levado de uma criminoso paixão. Meu pae era uma boa alma; aceitou a mulher, a sogra e o tio. Os annos fizeram o seu officio; todos tres envelheceram, menos meu pae. Helena ficou com a cabeça toda branca; a mãe e o tio voavam para a decrepitude; e nenhum d'elles tirava os olhos de meu pae, espreitando as cãs que não vinham, e as rugas ausentes. Um dia meu pae ouviu-lhes dizer que elle devia ter parte com o diabo. Tão forte! e accrescentava o tio: — «De que serve o testamento, se temos de ir antes?» Duas semanas depois morria o tio; a sogra acabou pateta, dahi a um anno. Restava a mulher, que pouco mais durou.

— O que me parece, aventurou o coronel, é que elles vieram ao cheiro dos cobres...

— De certo.

— ...e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão innocente como dizia. E' verdade que a carta do denunciante...

— O denunciante foi pago para escrever a carta, explicou o Dr. Leão; meu pae soube disso, depois da

morte da mulher ao passar pela Bahia... Meia noite! Vamos dormir; é tarde; amanhã direi o resto.

— Não, não, agora mesmo.

— Mas senhores... Só se fôr muito por alto.

— Seja por alto.

O doutor levantou-se e foi espiar a noite, estendendo o braço para fóra, e recebendo alguns pingos de chuva na mão. Depois voltou-se e deu com os dous olhando um para o outro, interrogativos. Fez lentamente um cigarro, accendeu-o, e, puxadas umas tres fumaças, concluiu a singular historia.

(Continúa)

MACHADO DE ASSIS.

A CIDADE E OS THEATROS

Uma quinzena cheia, essa que passou.

Sport hippico, sport humano, abertura do lyrico, passeata do Lyceu...

Procedamos por ordem.

Gostam de sport? Sportou-se d'esta vez um pouco por toda parte: no Prado Fluminense, na rua de Paysandú...

Tirez les premiers, messieurs les anglais... Hip! hip! hurrah!... Eil-os que partem, correm, vóam, devoram o espaço com o mesmo appetite com que devoram o seu plum-pudding... Hip! hip! hurrah! É o British amateur athletic sport, que dá a sua segunda festa d'este anno.

Uma bella festa.

Sob um céu azul como a pupilla d'uma ingleza, o campo do Cricket-Club deslumbra com as suas misses de cabellos de ouro e os seus olhos de saphira. A cõrte concorreu ainda com alguns velocinios...

A mulher loura, disse uma mulher, é duas vezes mulher. E' uma questão debatida, mas não decidida, essa da cõr.

A leitora conhece de certo a historia desse celebre bigamo que, morando alternadamente em duas cidades, conseguiu guardar dez annos duas esposas; uma loura, outra morena. Quando depois, arguido de qual gostava mais, respondia sempre:

— Gostava mais da loura, quando estava com a morena; mas preferia a morena se estava com a loura!

Mas, voltando ao campo da rua de Paysandú...

Não se pôde dizer que a festa dos inglezes passou sem novidade; houve uma, a da corda: seis solteiros tiravam d'um lado, seis casados tiravam d'outro...

Os casados roeram a corda aos solteiros.

O tempo de jantar, e a caminho para a festa da Gloria, a celebre romaria onde outrora o Rio de Janeiro se dava rendez-vous, e as moças se perdiam das mães durante o fogo... Os capoeiras acabaram com essa devoção, hoje e as moças que se querem perder, já não esperam mais a festa da Gloria. Tudo passa... Passemos.

O grande acontecimento, a grande novidade instantemente esperada foi a abertura do Pedro II com a estreia da companhia lyrica.

O grande theatro está um pouco melhorado.

A nossa paternal policia, tendo noticia dos incendios em dois theatros da Europa, ordenara ao proprietario do imperial barracão algumas precauções, e o theatro tem hoje muito mais portas, que em caso de perigo, facilitam a sahida.

Os assignantes acham mesmo que, com os preços do Sr. Ferrari o difficil agora já não é sahir, mas entrar no theatro imperial.

Correu mesmo o boato de que, os maridos, revoltados contra o augmento de preços, formaram parede para não assignar; mas, ai! nisso de moda como em tudo aliás, os maridos propõem e as mulheres dispõem.

Assim o theatro encheu-se...

Semiramis foi a opera de estreia da nova companhia. As leitoras já conhecem ao menos pelo piano essa opera de Rossini; mas sabem em que condições elle a escreveu?

Um pouco de historia não faz mal a ninguém.

Sabem as tres unicas circumstancias em que, durante toda a sua vida, Rossini tenha chorado?

E' authentic, consta d'uma carta d'elle a um amigo. A primeira foi quando, em Veneza, a sua opera anterior a Semiramis foi pateada; a segunda, quando ouviu pela primeira vez Paganini tocar rabeca; a ultima finalmente, foi quando, n'um passeio no lago da Guarda deixou cair n'agua, por descuido, um perú truffado que tinha entre os braços.

Foi portanto sob a impressão d'uma pateada, que Rossini escreveu Semiramis, composta quasi d'um folego em menos de vinte dias, e applaudida com enthusiasmo pouco tempo depois. Foi uma desforra, as pateadas inspiram, parece, porque Semiramis é realmente uma bella opera, longa muito longa, demasiado longa, talvez; mas que importa! se não é prohibido dormir durante a metade de cada acto...

Interpretaram a opera do maestro italiano a Sra. Borghini-Mamo, que é ainda a mesma boa artista e excellente cantora do anno passado, e a Sra. Scalchi-Lolli, o príncipe, que pela primeira vez canta no Rio de Janeiro.

A Sra. Scalchi, que é uma artista correctissima, d'uma physionomia graciosa e sympathica possui uma excellente voz de contralto, sonora, justa, san e sobretudo facil.

Dos outros artistas, não ha grandes couzas a dizer. Na sala, ou por arrufos contra o empregario ou não sei porque, muita frieza.

Tanta frieza, que as nossas elegantes tinham prudentemente as suas espaduas bem cobertas; nenhuma decotada!

Como era de esperar, essa frieza da sala do lyrico começa a dar lugar a sentimentos mais pronunciados na representação da *Traviata*, e o gelo acaba finalmente por quebrar-se na noite dos *Puritanos*.

Para mim, confesso com orgulho, não foi uma surpresa; eu tenho notado que cada anno, na estreia da companhia lyrica, a sala está sempre de mau humor: sente ainda de perto o vacuo nas algibeiras, e as notas não podem ecoar no vacuo.

A bella opera de Verdi é aliás muito poetica para nos enlevar ás regiões onde impera o desprezo pelo vil metal, e nós tivemos-la d'esta vez realmente bem interpretada. A Sra. Medea Borelli é uma das mais bellas Violettas que tem morrido na nossa scena. Joven, bella, d'uma physionomia expressiva, enlanguecida por dois bellos olhos brandamente velados por longos ciliós, é cantora e artista, e crê-se-a facilmente amante e amada.

Assim, o tenor Tamagno diz com muita alma os bellos trechos de Alfredo.

O Sr. Battistini, que tem de certo papeis mais felizes foi todavia o excellente barytono que nós já conhecemos e applaudimos.

Mas foi sobretudo na representação dos *Puritanos* que os gelos se quebraram d'uma vez á bella voz da Sra. Giu-

seppina Gargano e sobretudo ao fogo dos seus lindos olhos. Foi com a opera de Bellini que começou franco e decidido o enthusiasmo dos dilettantes, que triumphou o Sr. Ferrari e o decote.

A sala estava esplendida e divertia-se com o mais bello humor.

Antes assim.

Depois d'estas operas, a companhia lyrica deu-nos ainda os *Huguenotes*.

Sabem quem não gosta da grandiosa opera de Meyerbeer?

— Simplicio?

— O commendador Pancrazio?

— O redactor-chefe do *Cruzeiro*?

Não, leitoras; é Schumann, o grande Schumann que disse dos *Huguenotes* o que Mafoma não diz do tóucinho.

O que aliás bem pouco nos importa e interessa: e se eu dou a noticia é que, em summa, tanto dizer isso como dizer mal dos outros — se bem que os outros não tenham papas na lingua para dizer mal de nós.

Depois dos inglezes na rua de Paysandú, os *pur-sangs* no Prado Fluminense:

Corridas de homens; corridas de cavallos... tudo é festa.

Se o homem é o rei da criação; o cavallo é a nobre conquista do homem. De mais, quem foi que disse que o homem é o rei da criação?... O proprio homem.

Emfim, d'esta vez eis-nos no Prado.

E' meio-dia, a côrte ainda não chegou; mas os apostadores já se entrecocaram n'uma actividade palpitante: na archibancada geral um mundo de caras alegres que parecem divertir-se muito; e na archibancada nobre...

Na archibancada nobre, quasi ninguém.

Desta vez — *qui l'eut dit?* — é o Campo de Cythera — *qui l'eut cru?* — que deslumbra de luxo, que attrahe todas as attentões, que...

Não olheis jámais a mulher que cahe.

Eis os cavallos que partem, vôam, se estiram, afilam-se.

Quem vio uma corrida vio todas.

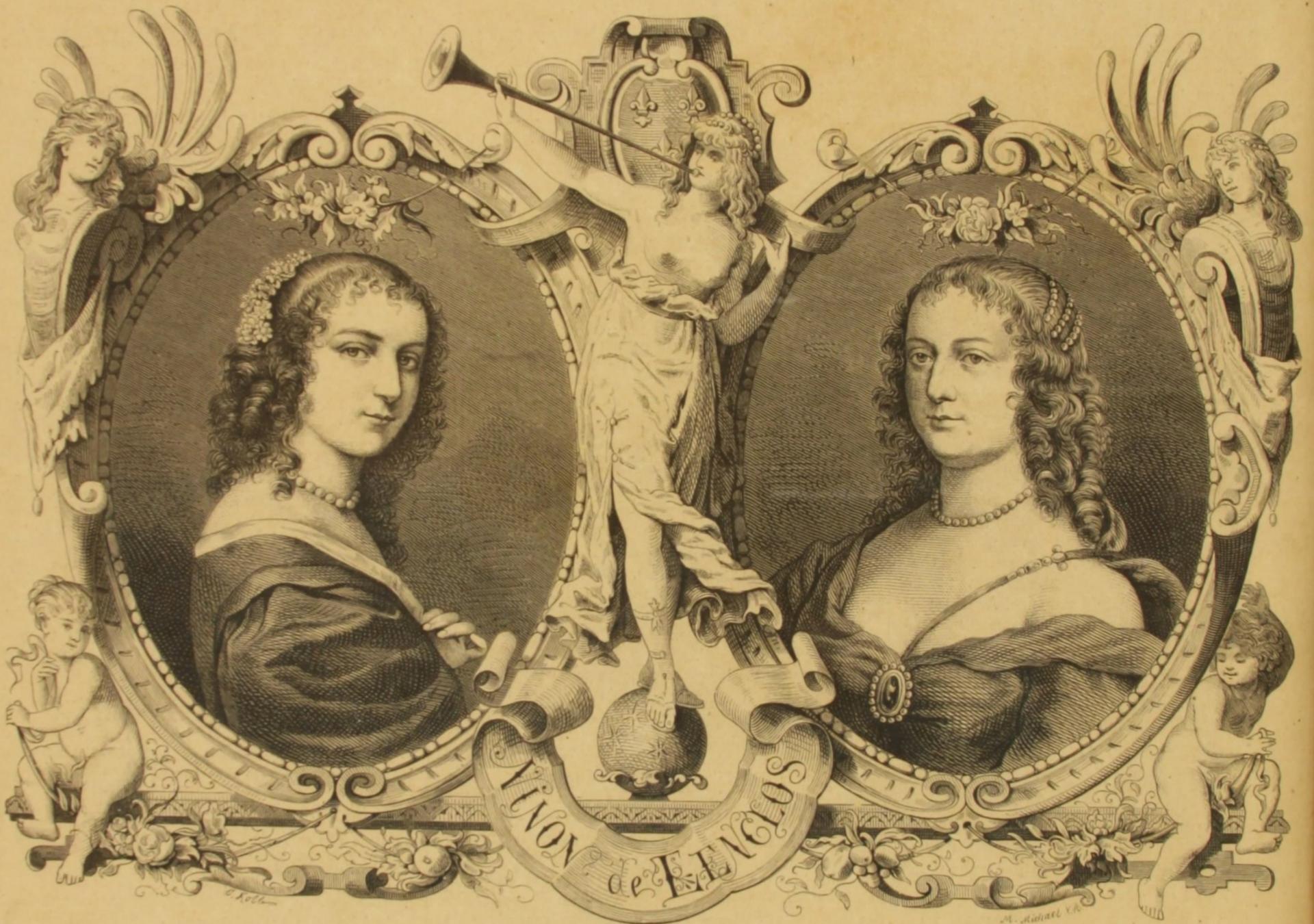
Entretanto houve d'esta vez, no Prado uma novidade: no segundo pareo o jockey do cavallo que devia ganhar, perdeu a corrida!... Porque? Mysterio e...

Eu ouvi, uma vez, no Prado, este dialogo entre dois jogadores que faziam muito barulho cada um a proposito do seu favorito:

— Olha que tu vaes perder no *Ventania*.

— Eu, perder?... Eu estou apostando por conta do dono do cavallo.

— E eu aposto no *Tempestade*, por conta do jockey!



Muito alegremente concorrido, o ultimo baile, quinta-feira, no Cassino Fluminense.

SS. MM. e AA. imperiaes acorreram a festa, que a maninha estrangeira tanto alegrou com os seus uniformes.

As casacas pretas fizeram d'esta vez uma triste figura. Eu já tive aliás occasião de dizer aqui mesmo n'este lugar: Uma casaca preta, é feio.

Duas casacas pretas, é mais feio.

Mas nada é tão feio, como uma reunião de casacas pretas.

Dos tres bailes que tem dado o Cassino este anno, o de quinta-feira, foi o mais brilhante. Porque? Porque a maior parte do sexo feio estava faltado: eram officiaes da marinha: italianos, francezes, argentinos, inglezes, portea-americanos...

Porque não adoptar os costumes á fantasia para os bailes?

J. D.

AS NOSSAS GRAVURAS

NINON DE LENCIOS

Ninon de Lenclos, a Aspasia do seculo XIV, nasceu em Paris no anno de 1616. Pertencia a uma familia nobre da Touraine. Na idade de 15 annos

perdeu seus pais e ficou senhora de si propria, com uma fortuna sufficiente para viver independente.

Não quiz casar-se, preferindo uma vida epicuriana, que autorisavam os costumes do tempo, mas sabendo attenuar suas fraquezas por eminentes qualidades, impondo ao seu seculo admiração e respeito para ella. As senhoras de Sully, de la Fayette, de la Sablière davam-lhe o título de amiga; a Sra. de Maintenon e a rainha Christina tentaram em vão attrahil-a junto d'ellas.

Preferiu viver longe de Versalhes, formando-se em Paris uma especie de côrte, onde reinava pelo bom gosto, pelo bom tom e a delicadeza polida das maneiras.

Os dois retratos que offerecemos ás nossas leitoras reproduzem Ninon de Lenclos aos 25 a 28 annos, na pujança da sua graça e belleza; e depois com mais de 60 annos, tendo conservado a sua formosura e todos os seus attractivos.

Viveu além dos 80 annos, sempre bella, segundo o testemunho de seus contemporaneos, sempre espi-rituosa e dedicada a seus amigos.

Depois de ter guiado e aconselhado Molière, ella adivinhou o genio de Voltaire ainda bem moço, e legou-lhe uma somma para comprar livros.

A fama de Ninon de Lenclos é ainda hoje universal no tocante a sua belleza até a mais avançada idade; no que diz respeito a seu espirito e ao seu coração, os mais notaveis escriptores tem immortalizado essas incomparaveis qualidades que a distinguem.

DESTRUIÇÃO DE HERCULANUM

O bello desenho que hoje reproduzimos representa uma scena do 4º acto da opera *Herculanum* de Feliciano David, representada na Academia Imperial de Musica em Paris, e na qual a prima dona Borgni-Manno obteve um triumpho esplendido cantando o papel de Olympia rainha do Euphrates.

Esta bella partitura do notavel melodista, em que elle desenvolveu á largo o seu talento no genero descriptivo, inspirou o artista que gravou a sua composição sob impressão da scena mais pathetica do drama.



DESTRUIÇÃO DE HERCULANUM

ARTHUR DE OLIVEIRA

Quem não tratou de perto este rapaz, morto a 21 do mez corrente, mal poderá entender a admiração e saudade que elle deixou.

Conheci-o desde que chegou do Rio Grande do Sul, com dezeseite ou dezoito annos de idade; e podem crer que era então o que foi aos trinta. Aos trinta lera muito, vivera muito; mas toda aquella pujança de espirito, todo esse raro temperamento litterario que lhe admiravamos, veio com a flor da adolescencia; desabrochára com os primeiros dias. Era a mesma torrente de ideias, a mesma fulguração de imagens. Ha algumas semanas, em escripto que viu a luz na *Gazeta de Noticias*, defini a alma de um personagem com esta especie de hebraismo: — chamei-lhe um sacco de espantos. Esse personagem (posso agora dizel-o) era, em algumas partes, o nosso mesmo Arthur, com a sua poderosa loquella e extraordinaria fantasia. Um sacco de espantos. Mas se o da minha invenção morreu exaustado de espirito, não aconteceu o mesmo a Arthur de Oliveira, que pôde alguma vez ficar prostrado, mas não exauriu nunca a força genial que possuia.

Um organismo daquelles era naturalmente irrequieto. Minas o viu, pouco depois, no collegio dos padres do Caraca, começando os estudos, que interrompen logo, para continuá-los na Europa. Na Europa travou relações litterarias de muito peso; Theophilo Gauthier, entre outros, queria-lhe muito, apreciava-lhe a alta comprehensão artistica, a natureza impetuosa e luminosa, os deslumbramentos subitos de raio. *Venez, père de la foudre!* dizia-lhe elle, mal o Arthur assomava á porta. E o Arthur, assim definido familiarmente pelo grande artista, entrava no templo, palpitante da divindade, admirativo como tinha de ser até á morte. Sim, até á morte. Gauthier foi uma das religiões que o consolaram. Sete dias antes de o perdermos, isto é, a 14 deste mez, prostrado na cama, roído pelo dente cruel da tísica, escrevia-me elle a proposito de um prato do jantar. "O verde das couves espanjava-se em uma onda de pirão, cor de ouro. A palheta de Ruysdael, pelo incendido do ouro, não hesitaria um só instante, em assignar esse pirão *mirobolante*, como diria o grande e divino Theo..." Grande e divino! Vede bem que esta admiração é de um moribundo, refere-se a um morto, e falla na intimidade da correspondencia particular. Onde outra mais sincera?

Não escrevo uma biographia. A vida delle não é das que se escrevem; é das que são vividas, sentidas, amadas, sem jamais poderem converter-se á narração; tal qual os romances psychologicos, em que a urdidura dos factos é breve ou nenhuma. Ultimamente, exercia o professorado no Collegio de Pedro II; mas a doença tomou-o entre as suas tenazes, para não o deixar mais.

Não o deixou mais; comeu-lhe a seiva toda; desfibrou-o com a paciencia dos grandes operarios. Elle, como vimos, prestes a tropeçar na cova, regalava-se ainda das reminiscencias litterarias, evocava a palheta de Ruysdael, olhando para a vida que lhe ia sobreviver, a vida da arte que elle amou com fé religiosa, sem proveito para si, sem calculo, sem odios, sem invejas, sem desfallecimento. A doença fê-lo padecer muito; teve instantes de dor cruel, não raro de desespero e de lagrimas; mas, em podendo, reagia. Encararia alguma vez o enigma da morte? Poucas horas antes de morrer (perdoem-me esta recordação pessoal; é necessaria), poucas horas antes de morrer lia um livro meu, o das *Memoirs de Braz Cubas*, e dizia-me que interpretava agora melhor algumas de suas passagens. Talvez as que entendiam com a occasião... E dizia-me aquillo serenamente, com uma força de animo rara, uma resignação de granito. Foi ao sair de uma dessas visitas, que escrevi estes versos, recordando os arrojões delle comparados com o actual estado. Não lh'os mostrei; e dou-os aqui para os seus amigos:

Sabes tu de um poeta enorme,
Que andar não usa
No chão, e cuja extranha musa,
Que nunca dorme,

Calça o pé melindroso e leve,
Como uma pluma,
De folha e flôr, de sol e neve,
Cristal e espuma;

E mergulha, como Leandro,
A fórnica rara
No Pé, no Sena, em Guanabara,
E no Scamandro;

Ouve a Tupan e escuta a Momo,
Sem controversia,
E tanto adora o estudo, como
Adora a inercia;

Ora do fuste, ora da ogiva
Sair parece;
Ora o Deus do occidente esquece
Pelo deus Siva;

Gosta do estrepito infinito,
Gosta das longas
Solidões em que se ouve o grito
Das arapongas;

E se amá o rapido besouro,
Que zumba, zumba,
E a mariposa que succumbe
Na flamma de ouro,

Vagalumes e borboletas
Da côr da chamma,
Roxas, brancas, rajadas, pretas,
Não menos ama

Os hippopotamos tranquillos,
E os elephantes,
E mais os bufalos nadantes,
E os crocodilos,

Como as girafas e as pantheras,
Onças, condores,
Toda a casta de bestas feras
E voadores.

Se não sabes quem elle seja,
Trepá de um salto,
Azul acima, onde mais alto
A aguia negreja;

Onde morre o clamor iniquo
Dos violentos;
Onde não chega o riso obliquo
Dos fraudulentos.

Então olha, de cima posto,
Para o oceano;
Verás n'um longo rosto humano
Teu mesmo rosto;

E has de rir, não do riso antigo,
Potente e largo,
Riso de eterno moço amigo;
Mas de outro amargo,

Como o riso de um deus enfermo,
Que se aborrece
Da divindade, e que appetitece
Tambem um termo...

Os amigos delle apreciarão o sentido desses versos. O publico, em geral, nada tem com um homem que passou pela terra sem o convidar para cousa nenhuma, um forte engenho que apenas soube amar a arte, como tantos christãos obscuros amaram a Igreja, e amar tambem aos seus amigos, porque era meigo, generoso e bom.

MACHADO DE ASSIS.

MUNDO FEMINIL

A filha mais moça do barão Meyer de Rotschild M^{lle} Bertha de Rotschild casa com o Principe Alexandre de Wagram, neto do Marechal Berthier, um dos valentes companheiros de Napoleon o grande.

Acaba de chegar á Europa uma sociedade de viajantes americanos composta de sessenta e sete senhoras quasi todas jovens e solteiras, acompanhadas apenas por um cavalheiro. Essas senhoras visitarão os pontos mais notaveis dos diversos paizes do velho mundo. O facto causa alguma admiração em razão de não haver em paiz algum da Europa o costume, aliás commum nos Estados Unidos, de viajarem senhoras sós com a independencia com que se educam as moças na livre União Americana.

Poucas pessoas sabem que Victor Hugo tem uma filha louca, a qual está ha dez annos em uma casa de saude de Pariz. Esta infeliz casara ha 18 annos com um commandante inglez, o qual tendo seguido com ella para as Antilhas d'ahi desapareceu repentinamente sem que nunca se soubesse do seu destino. A infidelidade do marido, abandonando-a em paiz desconhecido, tornou o juizo da pobre moça. Seu pai, sabedor do facto, por communicação de uma criada parda que protegeu a ama com dedicação, fez-lá voltar para França e tem empregado todos os meios de restitui-la á razão. São commovedoras as visitas frequentes que faz o velho octogenario Victor Hugo, que tanto tem soffrido em seus affectos de familia, á desgraçada Adele Hugo.

Adelaide Ristori renunciou definitivamente á scena dramatica. A sua ultima appareição no palco foi um verdadeiro triumpho. Representou o papel de Machbeth no idioma inglez sabendo-se tão brilhantemente da difficil empreza que a imprensa de Londres foi unanime em dispensar-lhe os maiores elogios, tanto pelo modo

por que interpretou o papel como pela pureza com que falla o idioma que lhe não é proprio.

M^{lle} Dosne, cunhada do celebre esta dista Francez Thiers esta compulsando os papeis do antigo presidente da Republica, para os entregar á publicidade. Alem dos notaveis discursos parlamentares da longa carreira de Thiers, existem nos manuscritos trabalhos importantes que devem ser do maior interesse para a historia dos ultimos reinados em França.

HORAS DE OCIO

Não houve quem acertasse com a solução dos problemas do n. de 15 do corrente. Muitas foram as decifrações que recebemos, das quaes algumas certas para a *inscripção mysteriosa* e o *meio mnemonico*, nenhuma porém descobrindo a combinação cryptographica por musica.

A inscripção mysteriosa

Compõe-se das maximas seguintes que devem ser lidas começando-se pelas palavras contidas nas casas da carreira inferior do quadrado, passando de cada casa á sua correspondente nas cinco carreiras superiores. Lêr-se-ha assim:

Não digas tudo quanto sabes porque quem diz tudo quanto sabe muitas vezes diz o que deve ser call-do.

Não faças tudo quanto pensas porque quem faz tudo quanto pensa muitas vezes faz o que não convém.

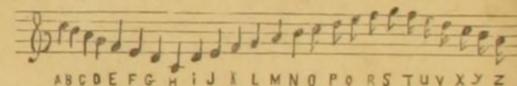
Não crêas tudo quanto ouves porque quem crê tudo quanto ouve muitas vezes crê o que não pode ser.

Não esperdices tudo quanto tens porque quem esperdica tudo quanto tem, muitas vezes esperdeça o que lhe é util.

Não julgues tudo quanto vês porque quem julga tudo quanto vê muitas vezes julga o que não é.

A cryptographia

Lê-se dando ás notas os valores das letras do alphabeto, como abaixo se vê, resultando da leitura a phrase: *O Guarany é a obra prima de Carlos Gomes.*



O meio mnemonico

E' a phrase por meio da qual pôde-se recordar o nome dos sete sabios da Grecia, pois que cada um d'elles tem por inicial a inicial das sete palavras que compõem a phrase.

Cumpra bem trabalhar, pensar morrer como sabio Chilon, Bias, Thales, Pittacus, Myson Cleobulo, Solon.

Para os seguintes problemas fica o mesmo premio promettido.

58. Versificação

Trata-se de restabelecer em sua forma poetica o trecho seguinte de uma das nossas notabilidades:

E, quando se estinguir tudo, Deus na lembrança guardará uma semelhança viva de tudo que existe agora. Serás tu, oh poesia! essa imagem presente a Deus.

59. Pergunta

Qual é o objecto, attributo de uma personagem mythologica, em cujo desenho se pode distinguir todos os algarismos arabes.

60. Problema arithmetico

Fallecendo um fazendeiro deixou aos seus tres filhos dezenove escravos, ordenando que os repartissem do seguinte modo: ao mais velho a metade, ao segundo a quarta parte, ao mais moço finalmente, a quinta parte. Depois de muito procurar em vão o meio de fazer a partilha os rapazes dirigiram-se a um sabichão da terra que repartio e os mandou satisfeitos. Como faria o grande mathematico?

NEMO

N. B. — Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a Nemo, no escriptorio desta folha.